

CRÍTICAS AO NORTE, NORTES PELA CRÍTICA

Estudar Teoria Crítica tem nos sido fundamentalmente tentar entender a realidade em busca de caminhos possíveis para construção de um mundo com melhores possibilidades de realização da liberdade e da fraternidade. Como falava o Dr. Marcos Nobre em Mini Curso sobre Teoria Crítica realizado na Universidade Federal do Amazonas¹, o teórico crítico normalmente é um pessimista em sua leitura do mundo, porque está constantemente apontando problemas que devem ser atacados, mas é um otimista em suas ações, porque acredita que pode ajudar a construir uma sociedade cada dia melhor, cada dia mais justa.

É nesta perspectiva e a partir de um ainda incipiente estudo de trabalhos de Theodor Adorno e outros nomes da Teoria Crítica da escola de Frankfurt, e ainda com o ânimo adquirido com a palestra do Dr. Jorge de Almeida², que falava que esta corrente de pensamento só poderia ser bem entendida e explicada na medida em que suas ideias fossem confrontadas com a realidade, que resolvemos sistematizar pequenos ensaios sobre o Município de Presidente Figueiredo/AM, localizado no Norte do Estado do Amazonas, apresentando-os na forma deste artigo.

1 Minicurso de Teoria Crítica organizado pelos Programas de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA - & em Sociologia – PPGS – da Universidade Federal do Amazonas – UFAM – no âmbito do 1º encontro de ideias: Caminhos da Teoria Crítica, Foi realizados nos dias 3 e 4 de setembro de 2012. O professor Dr. Marcos Nobre é professor de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap).

2 Prof. Dr. do Departamento de Literatura Comparada da Universidade de São Paulo – USP, em evento parte do 1º Encontro de Ideias: Caminhos da Teoria Crítica, promovido pelo PPGSCA e PPGS da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Palestras realizadas nos dias 14 e 15 de junho de 2012.

* Economista formado pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM – e Mestrando no Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM – com Bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – e vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira – NEPECAB.

Dois objetivos principais se buscam aqui: Primeiro o de vislumbrar algumas possibilidades da aplicação das contribuições desta vertente da Teoria Crítica para compreender uma realidade social concreta e presente; segundo refletir junto com a juventude daquele município sobre o ambiente em que vivemos.

Não foi uma preocupação fundamental ser exato na aplicação dos conceitos e teorias dos Frankfurteanos e, muitas vezes, a forma que são citados fazem com que as mesmas palavras adquiram outros significados. O que se procurou, e nisto sim pretendemos ser fiéis ao propósito da teoria crítica, é trazer uma contribuição para por as claras uma realidade permeada de repressão e violência, mas onde também ganham vida e florescem sonhos.

A análise se debruça sobre fatos que apareceram nos últimos meses em postagens feitas por pessoas da cidade em redes sociais na internet. Estas postagens revelam, além dos fatos em si, pensamentos e opiniões de sujeitos que lá vivem. Apenas cá e lá são referenciados fatos que não aparecem nestes bate-papos cibernéticos para que se compreenda o que está por traz das ideias expressas.

Este texto foi constituído como uma colcha de retalhos a partir de ensaios pensados e escritos, e depois acrescidos, à medida que fazíamos as leituras propostas na disciplina “Teoria Crítica: A Recepção de Theodor W. Adorno no Brasil”, ministrada pelo professor Dr. Renan de Freitas Pinto no primeiro semestre de 2012 no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas – PPGSCA/UFAM. Assim cada tópico foi inicialmente um ensaio independente ³.

A primeira parte, “Ao Norte, Entre Negar, Revelar e Reinterpretar a História”, traz um olhar sobre a história do município de Presidente Figueiredo depois da leitura do texto “Progresso” no livro “Palavras e Sinais” de Theodor W. Adorno⁴. Esta história está imbricada com as concepções de progresso. Tal como aponta Adorno, em Presidente Figueiredo é muito comum a fetichização do progresso que “fortalece o particularismo deste, sua limitação às técnicas”. O conceito que deveria levar à melhoria nas condições de vida acaba reforçando seu oposto, justificando a manutenção de ambientes de repressão e violência⁵.

3 Os textos iniciais estão publicados no Blog Casa da Cultura do Urubuí <<urubui.blogspot.com.br>>.

4 Tradução de Maria Helena Ruschel; supervisão de Álvaro Valls. Editora Vozes: Petrópolis, 1995)

5 Para uma leitura sobre o processo de criação do município de Presidente Figueiredo veja-se o livro “Cidades na Selva”, de José Aldemir de Oliveira (2002); e sobre conflitos recentes decorrentes de processos históricos “Reordenamento Territorial e Conflitos Agrários em Presidente Figueiredo – Amazonas. Dissertação de Mestrado”, dissertação de mestrado. PPGCASA/UFAM, Tiago Maiká M. Schwade (2012).

Assim como as ideias de “progresso”, no processo dialético outros elementos são manipulados e usados de forma contraditória. O direito ao voto é também sintomático. É símbolo da democracia, mas muitas vezes passa a ser arma contra uma democracia efetiva na medida em que é usado para legitimar políticas de facções que conseguem vitória eleitoral, quase sempre mediante a força do poder econômico e da corrupção. Essa ideia é exposta em “Tragédia Recorrente”, segunda parte do artigo.

A terceira parte traz uma reflexão sobre a Festa do Cupuaçu após a leitura dos textos sobre “A Indústria Cultural”. A festa é vista como parte de um esquema onde a cultura é engolida pelo sistema político esclerosado.

Entende-se que o *pensamento negativo* pode se constituir em “destruição criadora”⁶. A denúncia e o evidenciar os problemas contribui para enxergar direções necessárias.

*Ao Norte, Entre Negar, Revelar e Reinterpretar a História*⁷

O município de Presidente Figueiredo nasceu como parte de um processo de violência e saque, fundamentado em uma ideologia de progresso que se desvinculou por completo da ideia de homem; ou melhor, de uma fetichização⁸ do progresso⁹ cristalizado na crença de que este é simples e puramente o avanço técnico e o ‘desbravamento da natureza’.

Em 1968, o Governo Militar invadiu com a rodovia BR-174, Manaus – Boa-Vista, o território Kiña (Waimiri-Atroari). Em 1975, pelo menos 2000 pessoas já haviam desaparecido [...]. Isso porque se opunham ao processo de invasão de seu território” [Egydio Schwade no Blog Casa da Cultura do Urubuí].

Por isso a população que ali se instalou vive um dilema entre a negação desta história e a sua exortação como fundamento de sua origem.

O massacre dos indígenas Kiña (Waimiri-Atroari), conduzido junto com a abertura da rodovia BR-174, e que tinha como justificativa a instalação de grandes projetos, em especial o de mineração em Pitinga e a Hidroelétrica de Balbina, criou um

6 Tema tratado por José Guilherme Merquior já nas primeiras páginas da obra “Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Editora Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1969.

7 Este texto dialoga com o ensaio sobre “Progresso”, inserido na obra “Palavras e Sinais” de Theodor Adorno. ADORNO, T. W. Palavras e Sinais – Modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel; supervisão de Álvaro Valls. Editora Vozes: Petrópolis, 1995.

8 “A Fetichização do progresso fortalece o particularismo deste, sua limitação às técnicas”. ADORNO, 1995, p. 61.

9 O termo ‘Desenvolvimento’ atualmente tem, na atualidade, usos que se aproximam muito dos usos de ‘Progresso’ no passado recente.

vácuo populacional. Um contingente expressivo de pessoas chegou então a esta região trazidos pelas forças desenvolvimentistas do Regime Militar¹⁰.

O Governador do Amazonas, Danilo Areosa, pedia providências para garantir “a construção da estrada através do território indígena, a qualquer custo”, considerando o índio um inútil, que precisava “ser transformado em ser humano útil à Pátria”. E prosseguia: “os silvícolas ocupam as áreas mais ricas de nosso Estado, impedindo a sua exploração, com prejuízos incalculáveis para a receita nacional, impossibilitando a captação de maiores recursos para a prestação de serviços públicos”. (*A Crítica/Manaus* 27 de novembro de 1968). Seu colega, Governador de Roraima, Fernando Ramos Pereira, completou: “Sou de opinião que uma área rica como essa não pode se dar ao luxo de conservar meia dúzia de tribos indígenas atravancando o seu desenvolvimento”. (*Resist. Waimiri-Atroari / Marewa / Itacoatiaria / 1983*, pg 6). [Egydio Schwade no Blog Casa da Cultura do Urubu]

Os recursos financeiros providos dos investimentos do Governo Federal e da arrecadação gerada por estes projetos atraíram também uma elite política aproveitadora¹¹ que ao mesmo tempo viabilizou – e viabiliza – projetos de exploração desordenados dos recursos naturais¹² e se beneficia da receita pública por meio de apropriação ilícita ou com uma licitude forjada.

Os agentes deste processo, nem sempre conscientes das consequências de suas ações¹³, são também promotores do escamoteamento da história numa tentativa de camuflar os traços de violência e repressão que perduram. Concomitantemente constroem o discurso de que a população atual do município tem origem direta na instalação dos grandes projetos e que a violência é parte inevitável da sua constituição. Com isso tende a fazer as pessoas verem como algo natural o genocídio, o saque, os processos de desumanização e degradação ambiental. Por meio da confusão criada com o escamoteamento da história e a naturalização da violência, procura-se dissolver os movimentos de resistência e de criação de autonomias, enfraquecendo as lutas por maior participação política, o discurso de conservação ambiental e de

10 Veja sobre o tema o 1º Relatório do Comitê Estadual da verdade /AM: “O Genocídio do Povo Waimiri-Atroari (2012).

11 Inclusive grande parte dos políticos não mora no município e escândalos de corrupção são constantes. O escândalo de corrupção de maior repercussão foi alvo de “Operação Albatroz”, realizada pela polícia federal.

12 Para exemplificar tome-se o caso da construção da hidrelétrica de Balbina que chegou a ser considerada um monumento a insanidade humana por ter causado impactos sociais e ambientais terríveis e uma produção energética relativamente muito baixa.

13 “De maneira simétrica, os agentes da repressão-extra não são necessariamente indivíduos conscientes da sua ação coatora; são tendências sociais, muitas vezes inconscientemente encarnadas pelos indivíduos” Marcuse apud MERQUIOR, 1969, p. 27.

melhoria dos espaços de vida ¹⁴. Este discurso é muitas vezes replicado nas redes sociais, como na passagem abaixo:

Embora seja comum a ideia de que o nome do município seja uma homenagem ao ex-presidente brasileiro João Batista de Oliveira Figueiredo, o nome do município homenageia João Figueiredo, presidente da província do Amazonas no tempo do império. Inicialmente a ideia era homenagear exatamente o presidente da República, contudo este não aceitou que o município recebesse seu nome. Daí lembram-se do ex-presidente do período colonial imperial, e o nome pôde ser oficializado. [Blog Terra das Cachoeiras].

Mas nem tudo é brutalidade avançada. Naquele vácuo criado se instalaram pessoas que procuravam um local para viver ou que se posicionavam contra este processo violento e repressivo. Muitos pequenos agricultores chegaram de outras zonas, às vezes expulsos dos locais de origem em conflitos gerados por processos de apropriação do território pelo capital ou, ainda, pessoas oriundas de zonas urbanas pobres e deprimidas que procuravam um refúgio, um lugar para se estabelecerem.

Em sua essência, portanto, são muito mais vítimas ou o oposto da perversidade dos grandes projetos que filhos destes projetos. Essa compreensão não pode ser apreendida a partir da fuga da história, mas ao contrário, nasce de seu enfrentamento.

Em favor da glorificação dos grandes projetos e da manutenção do *status quo* da gestão política e administrativa do município é sempre usado a ideia de ‘progresso’. Porém a ideologia de progresso por trás deste discurso se afasta completamente do verdadeiro significado de progresso. Tem este como um fim em si mesmo quando, como nos fala Adorno ¹⁵, em verdade “o progresso não é uma categoria conclusiva. Ele quer atrapar o triunfo do mal radical, não triunfar em si mesmo”. “Surgido socialmente, ele reclama uma confrontação crítica com a sociedade real” ¹⁶.

E a realidade poderia ser muito melhor. Com espaço para o desenvolvimento da criatividade e da liberdade da juventude; com a consolidação de identidade e cultura própria; com uma democracia participativa; com a manutenção dos espaços naturais; com a exploração e manejo dos recursos naturais apenas quando realmente levam a uma melhoria nas condições de vida das pessoas e não comprometem o bem estar das futuras gerações; com a criação e melhoramento dos espaços de vida.

Cabe então escancarar a história na esperança de que se perceba que “as instituições esclerosadas, as relações de produção não são pura e simplesmente um ser,

14 Tal qual falava Adorno (1986, p. 93). “Os que se opõe ao processo de repressão e destruição são acusados de ser anti-progresso”.

15 ADORNO, 1995, p. 61.

16 Idem: p. 44.

mas sim, embora como onipotentes, algo feito por pessoas, revogável”¹⁷. E neste sentido também a história começa a aparecer nas redes sociais, contada de forma fiel e crítica.

O nome Presidente Figueiredo foi dado em homenagem ao último Presidente da Ditadura Militar que governou. Isso se deu depois que, em seu governo, Figueiredo desmembrou parte da Terra Indígena Waimirí-Atroarí em favor de multinacionais da mineração, em especial a Paranapanema Internacional Indústria e Comércio que, criada no paraíso fiscal das Ilhas Caiman, era responsável pela comercialização do minério. Aliás, o próprio município foi criado para ajudar a viabilizar e encobrir o saque de minérios desta porção do território nacional. [Maurício Adu Schwade no Blog Casa da Cultura do Urubuí]

Atualmente querem empurrar a versão de que se trata de uma homenagem ao Tenreiro Aranha, que entre seus vários nomes encontraram um Figueiredo. Mas pergunte a um historiador “Quem foi o Presidente Figueiredo na Província do Amazonas”, e ele responderá: “Quem? Há, você quer dizer o Tenreiro Aranha. Ele foi outra dessas figuras que contribuíram com a destruição de vários povos indígenas”. Mesmo assim, pareceu menos feio do que a homenagem prestada ao último General Presidente da República durante a Ditadura Militar. [Maiká Schwade no Blog Casa da Cultura do Urubuí]

Infelizmente essa mania de obscurecer a História é uma prática constante, corriqueira, em nosso país. O discurso de que o brasileiro não tem memória parece se consolidar e se ergue como uma verdade inexorável. Essa falácia é reproduzida, principalmente, pelo nosso precário sistema educacional, e pelo viciado jogo político que parece querer anular a participação política da sociedade em geral, tentando propor uma idéia de que o poder cuida de nossos problemas em nosso lugar. Nosso papel enquanto cidadão parece estar relegado ao aconchego de nossos lares, com nossas televisões e futilidades diárias. Nada de debate político! [...] Como vítimas de coisas que nos são dadas de cima para baixo, acabamos por aceitar tais “verdades” de forma que não ter memória parece ser lugar comum e confortável. Esquecer o passado e viver o presente sem perspectiva de futuro parece ser nosso famigerado destino. Mas isso é o que “eles” nos querem fazer acreditar. Esquecendo as coisas estamos mais suscetíveis aos enganos. Somos direcionados a adotar verdades forjadas no calor de interesses escusos. Por isso é fácil acreditar que o Presidente Figueiredo a que se refere o nome de nosso município remonta a época da província. [André Luiz Passos no blog Casa da Cultura do Urubuí]

É preciso, seguindo ainda o pensamento de Adorno, perceber que o conceito de progresso é filosófico na medida em que ao mesmo tempo em que articula o movimento da sociedade, se contrapõe a ele quando se afasta da busca por mitigar o sofrimento que ainda persiste¹⁸. Aí então os grandes projetos instalados em Presidente Figueiredo só serão visto como parte do nosso progresso na medida em que nos ajudarem a encontrar meios de evitá-los daqui para frente. Do contrário serão

17 Idem: p. 55.

18 Idem: p. 44

meras aberrações; monumentos a insanidade humana. Já o massacre dos Kiña jamais deverá ser pensado como algo necessário; será sempre apenas um crime contra a humanidade.

Tragédia Recorrente

Na manhã do dia 25 de maio de 2012 foi encontrado o corpo de uma jovem nas margens do Igarapé do Urubuí. Mais uma vez a cidade se surpreendia com o brutal assassinato de uma adolescente em Presidente Figueiredo, coisa que não é mais novidade. Mas uma vez a indignação tomava conta.

“Adolescente AGS, 16 anos, foi encontrada morta na manhã de hoje no igarapé do Urubuí, popularmente conhecido como Igarapé da CEAM, a última vez que foi vista com vida foi ontem as 22:00hs, pelo seu irmão no Ginásio da Quadra Coberta na Morada do Sol”. (Dizia uma chamada do Blog “Portal Terra das Cachoeiras” do dia 25 de maio).

Mas, e quando é que se parará para refletir? Não pensar no imediato, no calor da dor. Mas sim refletir profundamente sobre as causas; ir além da mera resposta fácil do bode expiatório, do criminoso da vez.

Que são monstros, é certo! Mas olhe-se com atenção as fotos. São jovens! São talvez tão vítimas quanto a jovem assassinada. Ela que não estará em meio a seus amigos, sorrindo e fazendo sorrir. Eles, coitados, condenados a uma morte viva. Condenados a morte social. Condenados a carregar em cada um dos seus passos na Terra o peso de tão grande crime.

Ela, Eles, Bárbara, Ferrugem, Itaituba¹⁹, tantos outros, toda a população; Todos vítimas! Vítimas fatais; vítimas da angústia; vítimas do medo... Todos vítimas!!

Sim, vítimas, mas também quase todos culpados! Uns mais outros menos, mas culpados! Uns mais conscientes, outros menos, mas culpados!!

E para quem não pode ver sua culpa diga-se: certamente estás entre os menos conscientes, mas é possível que estejas entre os mais culpados! No entanto isso não cabe neste debate; se for feito corre-se o risco de mais uma vez se buscar bodes expiatórios.

Cabe, sim, começar a verificar os verdadeiros problemas.

O problema de se pensar, quando muito, em políticas para a juventude, e nunca políticas com a juventude. De se tratar a juventude como incapaz de pensar o futuro, de sonhar o futuro, de viver o futuro. De se impedir a juventude de criar as políticas

¹⁹ Ferrugem, Bárbara e Itaituba são pessoas cujo assassinato, cometidos em época e circunstâncias diferente, foram motivos de muito reboiço na cidade de Presidente Figueiredo.

públicas, pensar as políticas públicas, viver as políticas públicas. De se impedir que a juventude pense a cidade e a floresta, viva a cidade e a floresta, construa a cidade e a floresta cultural.

Destaque-se a juventude, mas isso não vale só para a juventude. Trata-se de uma sociedade de repressão, onde não se permite uma ampla participação. Uma falsa democracia, onde após um processo viciado de votação prevalece o silêncio, o jogo sujo, a humilhação, a submissão em troca de privilégios (vulgo puxasacoquismo) ²⁰.

O voto, símbolo da democracia, passou a ser uma das maiores armas contra a participação política efetiva, contra a democracia efetiva. As eleições são decididas por eleitores de Manaus ²¹, comprados a preço de banhos nas cachoeiras do município e de promessas de emprego. E com o argumento da derrota eleitoral, aos que lutam por políticas públicas e à maioria da população local é negada a participação. Como que se a democracia se resumisse ao processo de votação. “Senso crítico e competência são banidos como presunções de quem se crê superior aos outros” ²².

De nenhuma maneira seria absurdo dizer que não existe democracia em Presidente Figueiredo²³. Democracia como um ambiente onde se discute, critica, ouve, constrói coletivamente apesar das diferenças. Um ambiente onde se pense o futuro um pouco mais para frente; onde o medo de perder o emprego, ou a comodidade do privilégio em troca da submissão não impere, não impeça a ação, a denúncia, a crítica e a construção coletiva²⁴. Ideias de democracia como esta quase não conseguem penetrar no pensamento das pessoas tamanho é o estado de violência e repressão. Apenas se permite pensar em correr para chamar a polícia quando o sangue já se misturou às águas do Igarapé Urubuí; Em bradar pela morte dos assassinos que são,

20 “ ‘a tirania deixa livre o corpo e investe diretamente contra a alma’...És livre em não pensares como eu, a tua vida, os teus bens, tudo te será deixado, mas, a partir deste instante, és um intruso entre nós”. HORKHEIMER & ADORNO, 1969, p. 169.

21 Denúncias deste tipo têm sido feitas desde muito tempo. A Lei das Eleições – Lei número 9504/97, em seu artigo 92, fala que quando o eleitorado aumente em mais de 10% em um ano pode-se pedir revisão de eleitorado. Subentende-se que nestes casos há indício de fraude. Entre os anos de 2010 e 2012 o eleitorado subiu em mais 24%. Passando de 14.654 para 28.652 (fonte: TER-AM, 2012). Utilizando-se os dados populacionais do Cidades@ (IBGE, 2012), constata-se que a relação população-eleitores saltou de 53,9% nas eleições de 2010, quando eram disputados cargos estaduais e federais, para 63,62% nas eleições municipais de 2012.

22 Parafraseando Horkheimer e Adorno em “A Indústria Cultural”, 1969, P, 170.

23 “A impudência da pergunta retórica: ‘que é que a gente quer?’ consiste se dirigir as pessoas fingindo tratá-las como sujeitos pensantes, quando seu fito na verdade é o de desabitua-las ao contato com a subjetividade”. HORKHEIMER & ADORNO, 1969, p. 180.

24 “a repressão suplementar operava, historicamente, através do funcionamento normal do processo social, que obtém a submissão dos indivíduos por meio de mecanismos objetivos, como o receio de perder o emprego ou o status, etc”. Marcuse apud MERQUIOR, 1969, p. 27.

como estamos vendo, também vítimas. Não conseguimos pensar em como criar oportunidades de vida. Oportunidade de Vida, e não apenas de emprego como muito se pensa que é a solução. Oportunidade de Vida, de Criação, de Participação, de Envolvimento e de Compromisso com a Sociedade.

O processo eleitoral passou a ser um jogo entre grupos aproveitadores externos. O ganhar e o perder significa “arrumar as malas”. E isso é posto como algo natural. Perdeu, “arrume as malas”; ganhou, “faça as malas e estenda as lonas do circo para a farra de quatro anos”.

As posições defendidas não revelam uma tensão entre valores éticos e sim uma divergência de interesses. A disputa é personificada em pessoas, ofuscando por completo a necessidade de aportar em propostas de políticas públicas, em pensar o bem estar e o futuro. Corrupção é algo natural e o ruim é não estar na “panela”. Aí vale estar com políticos corruptos, desde que eles tenham poder financeiro e político para se manter no páreo. E neste sistema completamente viciado os próprios políticos também acabaram como prisioneiros ²⁵.

A Indústria Cultural do Cupuaçu

“A cultura que, de acordo com o seu próprio sentido, não somente obedecia aos homens, mas também sempre protestava contra a condição esclerosada na qual eles viviam, e nisto lhes fazia honra; essa cultura, por sua assimilação total aos homens, torna-se integrada a essa condição esclerosada; assim, ela avilta os homens ainda uma vez”. (ADORNO, 1986, p. 93)

A Festa do Cupuaçu, realizada anualmente em Presidente Figueiredo, é apresentada como “o principal evento cultural da cidade”. No entanto trata-se muito mais de um mecanismo de aviltção, controle e saque. A indústria cultural, nos termos postos por Adorno e Horkheimer²⁶, se mistura e se confunde com mecanismos de usurpação de recursos públicos.

Na festa os moradores não são reis nem nobres, não são os sujeitos como se tenta fazer crer, mas objetos²⁷. E sua participação é irrelevante, somem diante da

25 Cabe mas uma vez a citação já feita em outro texto: “os agentes da repressão-extra não são necessariamente indivíduos conscientes da sua ação coatora; são tendências sociais, muitas vezes inconscientemente encarnadas pelos indivíduos” Marcuse apud MERQUIOR, 1969, p. 27

26 HORKHEIMER & ADORNO, T. W. “A Indústria Cultural”, 1969. E ADORNO. T. W. A Indústria Cultural, 1986.

27 O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito desta indústria, mas seu objeto. ADORNO, 1986, p. 93.

multidão de pessoas que chega a cidade. “Cada um é apenas aquilo que qualquer outro pode substituir: coisa fungível, um exemplar”²⁸.

Toda a estrutura montada para a festa é mega. Busca-se utilizar o máximo das possibilidades técnicas, utilizar plenamente as capacidades existentes para o consumo estético de massa. Diante dos mega-espetáculos poucos se lembram que isto faz parte do mesmo sistema político e econômico que se recusa a utilizar suas capacidades quando se trata de eliminar a fome, de criar condições para que todos tenham moradia, saneamento básico e assistência de saúde dignos²⁹.

A afinidade originária deste negócio de divertimento aparece no seu próprio significado: a apologia dos grupos dominantes: Divertir-se significa estar de acordo. Divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra³⁰. E ela se mostra na violência que explode durante este período, na prostituição inclusive de menores, na bebedeira, na anulação do indivíduo, no lixo espalhado pela cidade.

Logo após a Festa do Cupuaçu do ano de 2012 uma jovem da cidade postou no facebook uma foto de muito lixo entorno da Corredeira do Urubuí³¹ e a pergunta: “O que faltou mesmo, lixeira ou educação do povo?”.

Não percebe ela, e a maioria, que não é a falta de educação o problema e sim a própria educação reproduzida. Entenda-se educação como a transferência de valores e conhecimentos pela sociedade e não apenas a escolarização que é apenas parte disto. Esta confusão entre o que seja educação e o que é escolarização tornou-se, inclusive, um mecanismo que separa o viver do pensar. E a educação que temos opõe o homem à natureza quando deixa em polos antagônicos meio ambiente e progresso. Educação que muitas vezes naturaliza o genocídio e o massacre cultural, o saque, os processos de desumanização, a degradação ambiental, a violência, a não participação política e a corrupção. E é ela que emburrece e embrutece os indivíduos para que, absolutamente incapazes de fazerem por si o que é necessário para uma

28 “A Indústria Cultural perfidamente realizou o homem como ser genérico, Cada um é apenas aquilo que qualquer outro pode substituir: coisa fungível, um exemplar. Ele mesmo como indivíduo é absolutamente substituível, o puro nada, e é isto que começa a experimentar quando, com o tempo, termina por perder a semelhança”. HORKHEIMER & ADORNO, 1969, p. 181.

29 “A idéia de “exaurir” as possibilidades técnicas dadas, de utilizar plenamente as capacidades existentes para o consumo estético de massa, faz parte do sistema econômico que se recusa a utilizar suas capacidades quando se trata de eliminar a fome”. HORKHEIMER & ADORNO, 1969, p. 175.

30 “Mas a afinidade originária de negócio e divertimento aparece no próprio significado deste: a apologia da sociedade: Divertir-se significa estar de acordo[...] Divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra”. HORKHEIMER & ADORNO 1969, p. 180.

31 Urubuí é o Rio que margeia a cidade e uma de suas corredeiras é um importante balneário e palco de alguns eventos na Festa do Cupuaçu.

vida agradável, se submetam docilmente ao emprego, ao trabalho mandado qualquer que seja ³²; E aí, no currículo oculto dessa sociedade, que cria indivíduos dóceis e obedientes, as escolas de Presidente Figueiredo não são inocentes.

Assim como toda a megalomania contida na organização de shows, absurdos por seus custos e como parte de toda a estrutura montada para a festa, são erguidos imensos camarotes onde desfilam políticos e ‘autoridades’ da cidade com ‘os seus’. Trata-se de espaços de ostentação de poder e de cooptação. O acesso aos camarotes é um privilégio de quem faz parte ou, no mínimo, consente o grupo político.

Esta festa, assim como vários outros eventos organizados no mesmo estilo, se constitui por como um estratagema para apropriação dos recursos públicos pelos grupos no poder, a “panela”³³. A Secretaria de Cultura e Evento tem um dos maiores orçamentos. Corredeiras de dinheiro são – poderia ser dito gastos, mas o termo mais adequado ao que efetivamente se faz é pagos – são pagos a termo de serviços entorno de eventos supostamente culturais mas que em pouco se articulam a formação e fortalecimento da cultura local e, se não sem importância, que pelo menos não valem o dispêndio.

De quatro em quatro anos os políticos vão a domicílio com o coração do lado direito e da miséria socialmente reproduzida, fazem, com suas ofertas e promessas afáveis de homem para homem, com que os problemas pareçam casos particulares e curáveis por meio de um favor ou uma promessa de emprego ³⁴.

Neste contexto, a afirmação de Adorno ³⁵ de que “a cultura que, de acordo com o seu próprio sentido, não somente obedecia aos homens, mas também sempre protestava contra a condição esclerosada na qual eles viviam, e nisto lhes fazia honra; essa cultura, por sua assimilação total aos homens, torna-se integrada a essa

32 “Uma coisa é certa: a ideologia vazia de conteúdo não brinca em serviço quando se trata da previdência social. [...] Ninguém deve dar conta oficialmente de que pensa. Em troca, todos são encerrados, do começo ao fim, em um sistema de instituições e relações, que formam um instrumento hipersensível de controle social. [...] Que em cada carreira, mas sobretudo nas profissões liberais, o conhecimento do ramo esteja geralmente ligado a uma atitude conformista, pode criar a ilusão que este seja o mero resultado de um conhecimento específico. Na realidade, faz parte da planificação irracional desta sociedade que ela, bem ou mal, apenas reproduz a vida de seus fiéis. [...] aquele que não se provê, é mandado para os campos de concentração, ou em todo caso ao inferno do trabalho mais humilde e para as favelas”. HORKHEIMER & ADORNO, 1969, p. 184-185.

33 Assim são chamados no linguajar popular local os grupos políticos que se organizam entorno e com o objetivo de terem privilégios a custa dos recursos públicos.

34 “Mas a Indústria Cultural reflete a assistência [...], os assistentes sociais [...] e filósofos a domicílio com o coração do lado direito, que, da miséria socialmente reproduzida, fazem, com a sua intervenção afável de homem para homem, casos particulares e curáveis na medida que a depravação pessoal do sujeito não se oponha”. HORKHEIMER & ADORNO, 1969, p. 185-186.

35 ADORNO, 1986, p. 93.

condição esclerosada; assim, ela avilta os homens ainda uma vez”; essa afirmação não poderia ser mais verdadeira.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. A Indústria Cultural. Traduzido por: COHN, Amélia; KOTHE, Flavio R.; ONESTI, Aldo. In: COHN, Gabriel (Org.). Theodor W. Adorno – Sociologia. Editora Ática: São Paulo, 1986. p. 92-99

ADORNO, T. W.. Progresso. In Palavras e Sinais – Modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel; supervisão de Álvaro Valls. Editora Vozes: Petrópolis, 1995. p. 37-61.

Alô, Alô Figueiredo, Bota a Boca no Trombone. Grupo do Facebook. Consultas realizadas entre os dias 01 de abril e 30 de junho. www.facebook/groups/272521396129961/

Blog Casa da Cultura do Urubuí. Consultas realizadas entre os dias 01 de abril e 30 de junho. <http://urubui.blogspot.com.br/>

Blog Portal Terra das Cachoeiras. Consultas realizadas entre os dias 01 de abril e 30 de junho. <http://terra-dascachoeiras.blogspot.com.br/>

BRASIL. Lei das Eleições. Lei N. 9.504, de 30 de setembro de 1997. Brasília, 1997.

COMITÊ ESTADUAL DA VERDADE, MEMÓRIA E JUSTIÇA/AM. 1º Relatório do Comitê Estadual da verdade: O Genocídio do Povo Waimiri-Atroari. Manaus, 2012. p. 93.

HORKHEIMER, Max; & ADORNO T. W. A Indústria Cultural. Em Teoria da Cultura de Massa. Introdução, Comentários e Seleção de Luiz Costa Lima. Editora Saga, 1969. P. 157-202.

IBGE. Cidades@. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> . Consulta realizada em 30 de outubro de 2012.

MARCUSE, Herbert. A Arte na Sociedade Unidimensional. Em Teoria da Cultura de Massa. Introdução, Comentários e Seleção de Luiz Costa Lima. Editora Saga, 1969. p. 243-254.

MERQUIOR, José Guilherme. Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Editora Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1969.

OLIVEIRA, José Aldemir. Cidades na Selva. Manaus: Valer, 2000. 224 p.

SCHWADE, Tiago Maiká Müller Schwade. Reordenamento Territorial e Conflitos Agrários em Presidente Figueiredo – Amazonas. Dissertação de Mestrado. PPGCASA/UFAM: Manaus, 2012. 117 p.

TER-AM. Tribunal Regional Eleitora do Amazonas. www.tre-am.jus.br . Consulta realizada em 30 de outubro de 2012.